

SÍNTESE

LINGUAGEM, EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Maria de Fátima B. Abdalla

Doutora em Educação (FEUSP)

O texto de Abdalla, ao refletir sobre a formação de professores de língua portuguesa e rever, em relação ao português, algumas das práticas mais comuns de seu ensino, propõe-se a pensar criticamente a relação Educação e Linguagem.

Na base dessa relação, salientam-se aspectos comuns que envolvem uma e outra. Educação (*“prática social e histórica concreta – prática educacional – forma de discurso pedagógico, que se exprime mediante ações concretas que comportam um sentido”*) e Linguagem (prática interlocutiva, forma de interação social) se interpenetram como expressão de experiências vividas nas relações sociais, que constituem sujeitos, geram a formação de professores. Uma relação que se sustenta pelas interações nas quais professores e alunos são vistos como sujeitos sociais e históricos, humanos, produtores de linguagem e de humanidade.

Nessa medida, a formação de professores, na reflexão sobre a educação, suscita questionamentos acerca, sobretudo, da natureza da relação que os professores têm com a linguagem ao trabalhá-la em sala, o que gera desacertos de conteúdos e metodologias de ensino, dificultando construir com os alunos uma prática social produtora de linguagem e a levá-los a serem sujeitos ativos, criadores e recriadores de sentido.

Como forma de interação, a linguagem possibilita questões de educação (prática social) em que professores e alunos refletem a cultura e contextos sociais e se constituem como sujeitos e constroem sua própria cultura.

São implicações éticas advindas da relação linguagem e educação: 1) estigmatização das variedades linguísticas (o professor considera as de menor prestígio como erradas); 2) associação das variedades linguísticas à variedade culta presa à tradição gramatical, objeto do processo de ensino voltado para a gramática tradicional. Na verdade, seria necessário ao professor mostrar as diferenças e respeitá-las e introduzir situações que permitam o acesso

ao dialeto padrão e ao seu domínio. E para construir uma prática social transformadora, que desperte uma consciência crítico-reflexiva, uma prática produtora de linguagem e de humanidade, ele deve intervir neste processo de dominação, combatê-lo, desvelando-o e negando-lhe a legitimidade, deve assumir um papel de professor-produtor (produz e motiva o aluno à construção do conhecimento).

Um caminho para o professor-produtor seria o seu envolvimento, enquanto educador, na leitura e na produção de escrita **na** e **para** a coletividade, atribuir importância às práticas de leitura e escrita partilhada e coletiva (o conteúdo possibilita integrar aluno e professor, desmitificar estereótipos, propiciar processo de reflexão).

Ao combinar as duas práticas, de leitura e de produção de textos, retomam-se questões de oralidade e de escrita, como (1) a das variedades linguísticas usadas pelos alunos (desprestigiadas) na escola, cuja meta é levar o aluno ao domínio da norma padrão; ou (2) a dos problemas da oralidade na escrita, em que o professor enfatiza os erros e não os explica, dificultando, para os alunos, a compreensão dos “desvios” na passagem de uma para a outra modalidade (na fase em que eles estão se apropriando dos recursos lingüísticos)

Para lidar com as implicações da oralidade na escrita, convém lembrar que é o texto (unidade básica de ensino) que dará sentido às interações de sala de aula. A partir do texto trabalha-se com a língua oral e a escrita em sua dimensão discursiva (pragmática, as condições da situação contextual) e semântica (valorizando o modo como se apresenta e organiza a realidade, para se falar dela). Ao cruzar ambas as dimensões, vale se lembrar do conhecimento que o aluno traz consigo, sem fazer deste conhecimento um estereótipo (para a compreensão efetiva da leitura e para as condições de produção).

Outro ponto a se considerar, no trabalho com a linguagem oral e escrita, nas dimensões discursiva e semântica, diz respeito aos aspectos cognitivos que fazem parte do processo de leitura/produção de textos (escritos ou falados, dependem, além das dimensões que possam ter e das interações do autor, na multiplicidade de funções, do esforço do leitor/ouvinte em criar um sentido - este, por sua vez, depende do conhecimento prévio daquele leitor/ouvinte - na compreensão e produção).

Interagir com o aluno/leitor para recuperar seu conhecimento prévio (sem menosprezá-lo) qualifica o trabalho do professor, tornando-o produtor de ações pedagógicas capazes de

motivar os alunos a uma aprendizagem consciente, crítica, reflexiva. Ao levar em conta o conhecimento do aluno, o professor revaloriza o seu conhecimento lingüístico (sobre o uso da língua); ativa o seu conhecimento textual; resgata o seu conhecimento de mundo.

O texto falado ou escrito constitui-se, assim, pela interação dos interlocutores. Isso desencadeia uma reflexão sobre a experiência e uma experiência sobre a reflexão (quando o autor produz experiência, o leitor a reconstrói, produzindo conhecimento, e não consumindo informações. O professor faz seu papel de mediador). Na troca de experiências (autor/leitor, professor/aluno, autor/professor/aluno), o processo de leitura concretiza a “pedagogia da reinvenção” (produzida na busca e na troca, no diálogo, na contextualização do mundo).

Para se ampliar a capacidade de produzir e interpretar textos, a prática de análise linguística (que leva à reflexão) não pode se prender à tradição gramatical, à “língua padrão”, isto é, não se pode ter um ensino de metalinguagem deslocado da realidade do aluno, de suas necessidades e expectativas.

É preciso implementar uma atividade epilingüística (a reflexão, no desenvolvimento da linguagem, sobre o material lingüístico em que operamos, está voltada para o **uso** da linguagem). A partir dessa reflexão transformamos este material para o reconstruir. No próprio interior da construção do texto tomamos consciência do seu propósito, antecipamos a imagem dos interlocutores a que nos dirigimos, relacionamos e comparamos recursos mais expressivos e argumentos mais convincentes.

A prática de análise inclui, também, além das atividades epilingüísticas, as metalingüísticas – análise voltada para a descrição, por meio da categorização e sistematização dos elementos lingüísticos. Atividade exterior e posterior ao uso efetivo da linguagem (atividade linguística) e aos processos de reflexão sobre este uso (atividade epilingüística).

O problema é que o ensino de língua portuguesa enfatiza essa fala **da** e **sobre** a linguagem como se fosse um conteúdo em si, não como meio para melhorar a qualidade da produção. A gramática é ensinada de forma descontextualizada, o conteúdo é memorizado para fins de avaliativos.

No ensino fundamental, as atividades devem girar em torno do ensino da língua, recorrendo-se à metalinguagem somente quando a descrição da língua for um meio para alcançar o seu domínio (variedade padrão). Trabalhar com noções gramaticais e sua nomenclatura,

substituindo atividades de interpretação e produção, deveria ocorrer só em níveis mais altos de escolaridade e mesmo assim quando contextualizadas.

Ao se reconsiderarem todas essas questões, somos levados a repensar a formação de professores. Formação que se sustenta na relação educação e linguagem, e que não se dá sem o outro, incluindo aí os próprios alunos. Formação que precisa ser contínua, rompendo com obviedades comuns, com práticas habituais, que distanciam cada vez mais os alunos do prazer da leitura e do uso da palavra. Formação que faz uma reflexão pensante sobre quais saberes são necessários à prática educativa, crítica e transformadora.

Nessa direção, é o professor *“que tem que compreender o funcionamento do real e articular sua visão crítica dessa realidade com suas pretensões educativas, as quais define e reformula em relação com contextos específicos”*. É ele que tem que abrir espaços para que questões de linguagem se misturem com as de educação, vivificando as experiências em sala de aula, reinventando-as.

É na troca de experiências, na interação do dia-a-dia, que as diferenças práticas (de leitura, de produção e de análise linguística como reflexão sobre a língua) permitem formar continuamente professor e aluno, tecendo seus textos de vida – verdadeiros espaços de criação de linguagem e de humanidade, fazendo da palavra algo que realmente signifique.